

## O que complementa uma poética do ensino? Uma retórica do ensino

---

Rita Pimenta

---

### Resumo

Apresenta aspectos sobre o que David T. Hansen (2005) entende por poética do ensino, aliando a isso a exposição de algumas noções que caracterizam a *Poética* e a *Retórica* de Aristóteles, sem que a autora tenha a pretensão de esgotá-las. O objetivo é verificar em que medida a arte da produção aristotélica enseja perspectivas para a chamada poética do ensino de Hansen (2005). Procura avaliar, ainda, onde essas poéticas se encontram e, ao mesmo tempo, propõe que se junte à poética do ensino uma outra arte produtiva, aquela ligada ao pensamento e à elocução, como aponta Aristóteles em sua *Poética*, a saber, a retórica.

Palavras-chave: Aristóteles; educação; poética; retórica.

---

## **Abstract**

### ***What complements the poetics of education? Rhetoric of education***

*In this article, we present aspects about of what David T. Hansen (2005) understands by poetics of education. Allied to this, we display some slight knowledge that characterizes Aristotle's Poetics and Rhetoric, without the pretension to exhaust it. The objective is to verify to what extent the art of the Aristotelian production gives opportunities for the poetics of education in Hansen. Still, we tried to evaluate where the poetics is found, and, at the same time, we propose that the poetics of education may join another productive art, the one linked to thought and to elocution, as Aristotle points to us in his Poetics ,i.e., rhetoric.*

*Keywords: Aristotle, education, poetics, rhetoric.*

---

## **A poética do ensino proposta por David T. Hansen<sup>1</sup>**

Compreender o significado do ensino requer, nos tempos atuais, a aquisição das dimensões estética, moral e intelectual da poética do ensino. Não só a observância dessa noção de poética, mas a sua prática, ou produção, como cunhou Aristóteles acerca da poética, traduz-se no surgimento de um tipo de professor que Hansen (2005, p. 18) chama de sensível, por ser capaz de tratar a educação de seus alunos “como o desenvolvimento de suas personalidades, ao invés de ser tomada meramente como aquisição de informação, que também permanece importante”.

No texto *Uma poética do ensino*, Hansen (2005, p. 1) afirma que “A idéia de uma poética do ensino contribui para uma visão holística do trabalho”. E mais:

A poética chama a atenção para como o ensino pode enriquecer a vida do professor, mesmo enquanto ele procura aprofundar e ampliar o conhecimento, a compreensão e o desempenho dos estudantes. A poética também esclarece por que a oferta do ensino ocorre somente se o professor se entrega e se torna receptivo a tal atividade, uma tarefa que apela tanto à disposição pessoal quanto à preparação formal do docente.

A pretensão do autor é de que, a partir da elucidação do conceito de poética do ensino, os professores e estudiosos articulem melhor seu senso coletivo da significância no ensino, pois o que se verifica é que o ensino é concebido como um problema mecânico cuja preocupação fundante é saber “como transferir um corpo de conhecimento predeterminado e habilidades de uma maneira eficiente aos alunos” (Hansen, 2005, p. 3).

---

<sup>1</sup> David Hansen é professor e diretor do Programa de Filosofia e Educação do Departamento de Artes e Humanidades do Teachers College, da Columbia University.

A introdução de uma poética do ensino sugere exatamente o oposto do que vem se mostrando comum acerca da transmissão de conhecimentos. Em termos gerais, poética para Hansen é um termo antigo relacionado a muitos significados contemporâneos, que pode denotar, por exemplo, um enfoque sobre a estética ou sobre qualquer forma de arte. O que caracteriza a poética é a relação entre o mundo e a pessoa; de um lado a expressividade do mundo e, de outro, a leitura que é feita dessa expressividade. Muito abreviadamente Hansen lembra que a idéia de poética tem sua origem em Aristóteles, e o emprego do conceito foi utilizado pelo Estagirita para esclarecer a importância das características estruturais da tragédia. Lembramos que não só da tragédia a *Poética* trata; a epopéia também é objeto de estudo e discussão, embora Aristóteles finalize este tratado questionando qual das duas espécies de poema é a mais importante e concluindo que a tragédia, por englobar elementos da epopéia, além de outras vantagens, seja mais importante que esta.

Voltando ao texto de Hansen, encontramos, a partir da idéia de *poesis*, duas noções de poética, uma ligada à experiência e a outra à prática, observando que ambas refletem como os estudiosos das ciências humanas e sociais têm usado a poética, ou seja, partindo da concepção de que essas poéticas envolvem ações e conseqüências, enfatizando verdades a respeito do pensamento e da conduta humana. Ao lado dessa discussão, surge uma outra que diz respeito ao uso e à importância da metáfora; segundo o autor, a ênfase dada à metáfora não está mais restrita aos domínios tradicionais da literatura e da lingüística. A partir de discussões geradas principalmente por George Lakoff e Mark Johnson, Hansen afirma que a metáfora influencia o raciocínio, o argumento, a lógica e a explicação, tendo, portanto, um valor cognitivo e não somente um valor figurativo, daí sua ligação com uma poética do ensino.

De acordo com Hansen (2005, p. 11-12),

[...] os educadores intrigados ou preocupados com o lugar da metáfora podem arriscar ir mais além no projeto de descrever e caracterizar o ensino. Eles podem achar que é mais difícil comparar seus pontos de vista acerca de sua atividade com os dos outros que não utilizam a metáfora como uma ferramenta. A conversão atenciosa e engenhosa, baseada na prática e investigação concretas, ao invés de em um léxico des-metaforizado, pode melhor ajudar os envolvidos na educação a compreender o significado do ensino.

A preocupação acerca da significância no trabalho de ensinar sugerida pelo autor no início de seu artigo revela "o significado que reflete como o ensino pode ser uma força para a melhora na vida de estudantes e de professores, bem como para a sociedade na qual vivem" (Hansen, 2005, p. 12). Dessa perspectiva surge a dimensão moral da poética do ensino, ou como o autor nomeia, a justiça poética. O mundo está repleto de gestos não poéticos, e este mesmo mundo reclama por ações que necessitam de uma justiça poética, ou seja, de uma sensibilidade para uma poética das

relações humanas, cuja moral atravessasse todos os eventos produzidos por essas relações. Nesse sentido, uma poética do ensino revela, segundo Hansen (2005, p. 16-17), a indispensável junção das dimensões moral, intelectual e estética no ensino, quando é bem realizado. Deste ponto de vista, o ensino pode revelar-se belo, “no sentido de discernir, estimular e recordar o aparecimento no aluno de um novo *insight*, uma nova disposição, um novo entendimento de alguma coisa que, mais do que o sentido figurativo, ilumina”.

Essa transformação não está restrita, é claro, ao aluno. Uma poética do ensino, ao fundir a dimensão moral com a estética, possibilita que também o professor se revista de uma percepção moral cujo pano de fundo é a preocupação e interesse pelo humano. Segundo Hansen (2005, p. 17), “A percepção moral implica considerar os estudantes na totalidade do desenvolvimento de sua humanidade”. Como dissemos no início deste trabalho, uma das preocupações de Hansen (2005, p. 18) é apontar as características que compõem um professor apto a desenvolver a chamada poética do ensino, e a principal diz respeito à percepção moral, ou seja, “os professores bem intencionados são movidos ou estimulados à ação pelo bem e pelas expressões do bem”, por exemplo, dispensando tratamento igualitário entre os alunos e reconhecendo as realizações individuais desses alunos.

Além do que foi exposto acima, Hansen (2005, p. 24), a partir de Heidegger,<sup>2</sup> afirma que “uma poética do ensino corporifica a idéia de que ensinar é agradecer”; integrado a isso, “uma poética do ensino salienta quão difícil, desafiador e potencialmente gratificante será o trabalho quando for levado a sério” (Hansen, 2005, p. 25). Levar a sério significa, por exemplo, responder ao olhar de dúvida do aluno com o seu próprio olhar, gesto, questão ou comentário; assim, segundo Hansen (2005, p. 25), o professor se preocupa com o olhar respondendo a esse olhar. Neste sentido, “Resposta e cuidado, unidos, lembram a união da estética, da moral e do intelectual em uma poética do ensino”. Mais adiante o autor afirma que “ensinar constitui artisticidade, ou, em termos mais radicais, uma forma de fazer o mundo”.

Iniciamos este trabalho apresentando aspectos acerca da poética do ensino proposta por Hansen, com a pretensão de, em seguida, aliá-los a uma exposição dos elementos que caracterizam a *Poética* aristotélica e verificar em que medida aquela arte da produção enseja perspectivas para a chamada poética do ensino de Hansen. Encaminhamo-nos, portanto, para o segundo momento.

### **A Poética de Aristóteles**

De acordo com Hansen (2005, p. 5), “Desde a época de Aristóteles, os comentadores continuam a empregar a idéia de poética para capturar a natureza do efeito artístico”. Vejamos o que Aristóteles nos diz acerca disso.

<sup>2</sup> “Heidegger escreveu que pensar é agradecer” (Hansen, 2005, p. 23).

No início da *Poética*, composta por 26 capítulos, Aristóteles se propõe falar da poesia,

[...] dela mesma e das suas espécies, da efetividade de cada uma delas, da composição que se deve dar aos mitos, se quisermos que o poema resulte perfeito, e, ainda, de quantos e quais os elementos de cada espécie e, semelhantemente, de tudo quanto pertence a esta indagação, começando, como é natural, pelas coisas primeiras (1447a).

Poesia é imitação, *mimesis*; portanto, a epopéia, a tragédia, a citarística são imitações e diferem ao utilizar meios, objetos e modos diversos. Além disso, todas elas imitam com ritmo, linguagem e harmonia, usando esses elementos juntos ou separadamente. Os objetos de imitação da tragédia e da comédia são diferentes: nesta, os homens piores ou inferiores são imitados; naquela, os melhores do que eles originariamente são. Homero, por exemplo, segundo Aristóteles, imitou homens superiores.

Depois desses aspectos, Aristóteles classifica a poesia a partir do modo como se realiza a imitação – narrativa, mista e dramática – e, em seguida, discute a origem da poesia. Duas são as causas de sua origem: imitar é congênito no homem e os homens se comprazem no imitado. Comprazem-se à medida que a imitação gera algum tipo de conhecimento da realidade.

Sinal disto é o que acontece na experiência: nós contemplamos com prazer as imagens mais exatas daquelas mesmas coisas que olhamos com repugnância, por exemplo, as representações de animais ferozes e de cadáveres. Causa é que o aprender não só muito apraz aos filósofos, mas também, igualmente, aos demais homens, se bem que menos participem dele (1448b 9-16).

Epopéia e tragédia são semelhantes à medida que imitam homens superiores, mas diferem quanto ao metro, à forma narrativa e à extensão. Todas as partes da poesia épica se encontram na tragédia, mas o contrário não ocorre nem todas aquelas pertinentes à poesia trágica intervêm na epopéia. A tragédia imita uma ação de caráter elevado suscitando terror e piedade. Seis são as partes da tragédia: mito, caráter, elocução, pensamento, espetáculo e melopéia. Na tragédia, “o elemento mais importante é a trama dos fatos, pois a tragédia não é imitação de homens, mas de ações e de vida, de felicidade e infelicidade” (1450a 16); porém “felicidade ou infelicidade reside na ação, e a própria finalidade da vida é uma ação, não uma qualidade” (1450a 16). Além das partes da tragédia, existem os meios pelos quais ela se move: peripécia e reconhecimento.

Entre as partes da tragédia já citadas anteriormente, duas delas, pensamento e elocução, estabelecem estreita relação com uma outra arte produtiva, a retórica. De acordo com Aristóteles, o pensamento é o terceiro elemento da tragédia e “consiste em poder dizer sobre tal assunto o que lhe é inerente e a esse convém. Na eloquência, o pensamento é regulado pela política e pela oratória” (1450b 4). Ainda sobre o pensamento,

Aristóteles afirma que ele “é aquilo que a pessoa demonstra que algo é ou não é ou enuncia uma sentença geral” (1450b 4). Já a elocução é o “enunciado dos pensamentos por meio das palavras, enunciado este que tem a mesma efetividade em verso ou em prosa” (1450b 12).

No nono capítulo da *Poética*, Aristóteles discute a relação entre poesia e história. Para ele, não é tarefa do poeta narrar o que aconteceu, mas representar o que poderia ter acontecido. Nestes termos, Aristóteles considera que o historiador e o poeta diferem não por escreverem em verso ou prosa, mas “sim em que diz um as coisas que sucederam e o outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular” (1451b 36).

Depois de tratar do mito, entendido como a composição dos atos da tragédia, dos elementos qualitativos do mito, das partes quantitativas da tragédia, tipos de tragédia, entre outras composições e aspectos da tragédia e da epopéia, Aristóteles retoma a discussão, no décimo nono capítulo, acerca do pensamento e modos de elocução, interessando-nos, em particular, o primeiro aspecto daquele capítulo. Conforme o Estagirita,

[...] o que respeita ao pensamento tem seu lugar na retórica, porque o assunto mais pertence ao campo desta disciplina. O pensamento inclui todos os efeitos produzidos mediante a palavra; dele fazem parte o demonstrar e o refutar, suscitar emoções<sup>3</sup> (como a piedade, o terror, a ira) e ainda o majorar e o minorar o valor das coisas” (1456a 34).

Na retórica, mostra-nos Aristóteles, diferentemente da poesia – que precisa da ação sem interpretação explícita –, o despertar das emoções, ou o acréscimo de certas impressões, e a aceitação de algo como verossímil resultam da palavra de quem fala; caso contrário, pergunta Aristóteles, “de que serviria a obra do orador, se o pensamento dele se revelasse de per si, e não pelo discurso?” (1456b 2). Depois de tratar das partes da elocução (letra, sílaba, conjunção, nome, verbo, flexão e proposição), Aristóteles se detém a tratar da elocução poética, e a discussão é extremamente valiosa, porque o tratamento dado à metáfora complementa, para nós leitores de Aristóteles, aquele que foi dado pelo Filósofo na *Retórica*.

A preocupação em discutir a metáfora na *Poética* diz respeito à qualidade essencial da elocução, que é a clareza sem baixeza. Ou seja, uma linguagem baixa ou vulgar é aquela constituída por vocábulos correntes; assim, a utilização da metáfora é considerada por Aristóteles elevada; contudo, é preciso evitar o excesso, o que provocaria um caráter enigmático. Aristóteles define a metáfora na *Poética* da seguinte maneira: “a metáfora consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia” (1457a 6). Introduzir metáforas, ornatos, alongamentos e abreviamentos elevam a linguagem, tornando-a elegante.

Aristóteles discute, ainda, as leis que regem a epopéia e a tragédia, a diferença de extensão entre ambas, e, finalmente, a superação da tragédia sobre a epopéia, por dispor de algumas vantagens – uma delas é

<sup>3</sup> Quanto a isso, ver *Retórica das paixões* (Aristóteles, 2000).

conter todos os elementos da epopéia e, dentro de uma extensão de tempo menor, realizar, perfeitamente, a imitação. O Estagirita finaliza sua *Poética* da seguinte maneira: “Falamos pois da tragédia e da epopéia, delas mesmas e das suas espécies e partes, número e diferenças dessas partes, das causas pelas quais resulta boa ou má a poesia, das críticas e respectivas soluções. Dos jambos e da comédia...” (1462b 16) – as reticências estão no texto original. Da *Poética* restaram os tratados sobre a tragédia e a poesia épica; a parte dedicada à comédia se perdeu.

Na *Retórica*,<sup>4</sup> ao tratar da metáfora, Aristóteles diz que “as palavras têm determinado significado, de tal forma que as mais agradáveis são todas as palavras que nos proporcionam também conhecimentos” (1410b). Exemplifica isso, ainda na *Retórica*, da seguinte maneira: “efetivamente, sempre que ele chama a velhice ‘palha’,<sup>5</sup> produz ensinamento e conhecimento por meio da categoria: ambos, na verdade, já não estão na ‘flor da idade’. O mesmo produzem, sem dúvida, os símiles dos poetas. Por isso, se os formulam bem, parecem de uma ‘elegância urbana’” (1410b). Na *Retórica*, a metáfora tem o papel de fazer com que, segundo Aristóteles, o objeto salte para diante dos olhos, dispondo o objeto diante dos olhos.

Aristóteles entende a retórica como técnica que produz os elementos para persuasão, “capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir” (1355b), isto é, arte de produzir discursos, mais precisamente discursos persuasivos (*pisteis*), aqueles que se servem da argumentação explícita. Por isso, segundo Berti (1998, p. 167), “representa uma verdadeira forma de racionalidade”.

O interesse de Aristóteles pela retórica inicia-se, provavelmente, no interior da Academia – escola fundada por Platão em 387 a.C. –, num curso no qual observa um vínculo entre retórica e política. De fato, Aristóteles determinou um novo sentido para esta técnica entendendo-a como *arte da comunicação*.

A retórica é uma técnica – portanto, é funcional, por buscar resultados – e, ao mesmo tempo, uma contrapartida da dialética, ou seja, é uma forma de argumentação comparável à dialética considerada no seu sentido primeiro: o do diálogo.

Aristóteles distinguiu duas condições retóricas: uma, a da ciência demonstrativa, que trata do necessário e evidente tendo por auditório o universal; uma outra, na qual o discurso persuasivo tem por objeto o verossímil, ou provável, que procura convencer um determinado tipo de auditório, um auditório particular.

Aristóteles entende que o principal na retórica é a *arte das provas*, ou seja, a habilidade de discernir, em cada questão, o que é apto a persuadir o auditório. Neste sentido, a dialética e a retórica são uma contraparte da outra, pois são faculdades que fornecem argumentos, ou

A retórica é a outra face da dialética; ambas se ocupam de questões mais ou menos ligadas ao conhecimento comum e não correspondem a nenhuma ciência em particular. De fato, todas as pessoas de alguma maneira participam de uma e de outra, pois todas elas tentam em certa medida questionar e sustentar um argumento, defender-se ou acusar (1354a).

<sup>4</sup> A tradução da *Retórica* utilizada neste artigo traz a paginação Bekker, porém não especifica as linhas.

<sup>5</sup> Aristóteles está se referindo ao fragmento 649 de Aristófanes.

Todas as vezes que acusamos ou defendemos (judiciário), aconselhamos ou desaconselhamos (deliberativo), censuramos ou elogiamos (epidítico) estamos fazendo retórica, já que utilizamos gêneros desta arte. Na situação retórica o orador não se propõe demonstrar, o que é uma atividade própria da *analítica*. Por isso, tanto a retórica como a dialética operam por meio de proposições contrárias, buscando estabelecer os princípios que se julgam adequados a um assunto, tema, objeto, a partir dos quais constituirão conhecimentos partilhados e considerados corretos. Estes conhecimentos, depois, devem ser analisados de maneira a organizá-los a partir de seus axiomas, encadeando-os de tal maneira que possam ser ensinados, como se faz com a Geometria, por exemplo. Na situação retórica, a preocupação não está centrada na verdade, pois cabe à ciência tal preocupação.

Além disso, nem mesmo que tivéssemos a ciência mais exata nos seria fácil persuadir com ela certos auditórios. Pois o discurso científico é próprio do ensino, e o ensino é aqui impossível, visto ser necessário que as provas por persuasão e os raciocínios se formem de argumentos comuns, como já tivemos ocasião de dizer nos *Tópicos* a propósito da comunicação com multidões (1355a).

A argumentação retórica vale-se de silogismos – inferências – como em qualquer outra situação. Mas, o silogismo da retórica, o *entimema*, tem características próprias, uma vez que suas premissas são sempre as que o auditório considera prováveis, admitindo-as sem contestação. Daí Aristóteles dizer (1357a):

De sorte que é necessário que o entimema e o exemplo se ocupem de coisas que podem ser para a maior parte também de outro modo: o exemplo como indução, e o entimema como silogismo, formado de poucas premissas e em geral menos do que as do silogismo primário. Porque se alguma destas premissas for bem conhecida, nem sequer é necessário enunciá-las, pois o próprio ouvinte a supre.

Assim, a retórica não “teorizará sobre o provável para cada indivíduo” (1356b), mas sim o provável “sobre o que parece verdade para pessoas de uma certa condição, como também faz a dialética. Pois também esta não forma silogismos de premissas tomadas ao acaso” (1356b), mas estriba em fatos que já estamos habituados a pôr em deliberação, porque, do contrário, as coisas serão admitidas pura e simplesmente.

### **Discussão**

Os limites da exposição acerca da *Poética* e da *Retórica* de Aristóteles traçados aqui certamente não são os mais adequados para a discussão destas obras, no entanto, o objetivo não era esgotá-las, mas buscar elementos que nos permitissem tecer algumas considerações acerca da poética do ensino proposta por Hansen (2005) e propor que a ela se junte uma retórica do ensino.

Como vimos, o ponto central da poética do ensino baseia-se na artisticidade, ou poder de criação, invenção que contempla algumas esferas da realidade humana, ou seja, a estética, a moral e a intelectual. Essas esferas ou dimensões articulam-se e proporcionam ao educando e ao educador ambiente e condições favoráveis para o desenvolvimento humano de ambos. Disso resulta que o ensino pode, para Hansen (2005, p. 16), tornar-se “um lugar de beleza”. Em Aristóteles, e para os antigos de maneira geral, a doutrina da arte era chamada de poética, ou seja, arte produtiva de imagens. O belo, ou a beleza para Aristóteles, em sua *Poética*, consistia na ordem, na simetria,

[...] na grandeza e na ordem, portanto um organismo vivente pequeníssimo não poderia ser belo (pois a visão é confusa quando se olha por tempo imperceptível); e também não seria belo grandíssimo (porque faltaria a visão do conjunto, escapando à vista dos espectadores a unidade e a totalidade; imagine-se, por exemplo, um animal de dez mil estádios...) (1450b 34-1451a).

Ao que parece, a noção de beleza para Hansen, embora ele não tenha se detido na explicitação deste termo, aproxima-se daquela descrita por Aristóteles, pelo fato de existir, no contexto da poética do ensino, a possibilidade do surgimento de uma composição harmônica, simétrica, entre o educador, o educando e o conhecimento que se deseja produzir. Quanto à *Poética*, vale observar, ainda, que o objetivo do poeta é produzir determinadas emoções, terror e piedade na tragédia e na epopéia e catarse na comédia. Deriva disso uma concepção da arte como conhecimento. A passagem célebre que caracteriza bem isso, já citada por nós, faz referência à idéia de que a poesia é mais filosófica do que a história, ou seja, o seu valor teórico é maior do que o da história. Ainda em Aristóteles, o que é preciso ressaltar é que a arte lida com o possível (aquilo que pode ser de um modo ou de outro). Somente o possível é objeto da arte. Assim, são arte a retórica e a poética, mas a analítica não é arte, pois o seu objeto é o necessário.

Do exposto acima decorrem algumas indagações: O ensino é uma arte? Pode existir uma poética do ensino?

Fala-se muito na arte de ensinar. Se o ensino tratar somente de possibilidades, aquilo que pode ser de um modo ou de outro, o ensino é uma arte, mas se a pretensão é atingir certezas, o âmbito do ensino é aquele próprio da ciência; assim, todo ensino visaria somente à ciência, à verdade. Se identificarmos o objeto do ensino como o possível e sua tarefa produzir emoções, e nisso algum tipo de conhecimento da realidade, a resposta para a segunda questão é positiva.

O que propomos aqui é que, nesse sentido, a poética do ensino proposta por Hansen necessita de uma auxiliar que lida diretamente com o pensamento e a elocução desse pensamento, a retórica. Na *Poética*, os momentos em que Aristóteles refere-se à retórica são os descritos neste trabalho, e, como vimos, ela está presente quando, na tragédia, é chegado o momento da exposição do pensamento, mas este pensamento, para ser

eficaz nos atos que permeiam a poesia, deve mobilizar ações, interferir no julgamento, persuadir ou dissuadir acerca dos elementos da trama.

A nosso ver, as dimensões que caracterizam a poética do ensino – estética, moral e intelectual – têm um substrato em comum, o discurso. Pelo discurso, os envolvidos no processo ensino-aprendizagem suscitam prazeres ou repugnâncias, emoções quanto àquilo que lhes parece belo ou não (ira, ódio, amor, desprezo, medo...), mobilizam ações, levam seus auditórios a deliberar, julgar ou reverenciar condutas, mas também, a partir de entimemas, elaboram conhecimentos prováveis, logo, abertos ao debate constante, ou seja, a aceitação de algo como verossímil resultante da palavra de quem fala. Portanto, dadas as condições da existência de uma poética do ensino, a ela caberia não prescindir de uma retórica do ensino.

---

#### Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

ARISTÓTELES. *Retórica*. Introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998. (Estudo Gerais Série Universitária – Clássicos de Filosofia).

ARISTÓTELES. *Retórica das Paixões*. (Tradução do livro II – cap. 1 a 11 da *Retórica* de Aristóteles, realizada por Isis Borges B. da Fonseca bem como notas e introdução. Com prefácio de Michel Meyer). São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BERTI, Enrico. *As razões de Aristóteles*. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

HANSEN, David T. Uma poética do ensino. *Educação em Revista*, Marília, n. 6, p. 95-127, 2005. Tradução de Roberto Cavallari Filho, Denise Lourenço, Elisabete Ribeiro e Rodrigo Pelloso Gelamo. Revisão de Pedro Ângelo Pagni, Roberto Cavallari Filho, Rodrigo Pelloso Gelamo.

---

Rita Pimenta é doutoranda em Educação Escolar na Universidade Estadual Paulista (Unesp/Araraquara), bolsista do CNPq e membro do Grupo de Pesquisa "Retórica e Argumentação na Pedagogia", cadastrado no CNPq. ritapimentar@yahoo.com.br

Recebido em 14 de junho de 2007.

Aprovado em 28 de maio de 2008.